

Lembrando Waldemar Lopes

Anderson Braga Horta

Conheci Waldemar Lopes no ano de 1973, em seu apartamento na Asa Sul, em reunião projetada por Domingos Carvalho da Silva para a criação do Clube de Poesia de Brasília. Havia apenas três anos que publicara seu segundo livro, *Sonetos do Tempo Perdido* (o primeiro fôra *Legenda – Recife, 1929*), com isso candidatando-se à contumácia, em termos editoriais, visto que até então o único livro de circulação nacional em que aparecia era a *Antologia de Poetas Brasileiros Bissextos Contemporâneos*, de Manuel Bandeira (Rio de Janeiro, 2.^a ed., 1965). Mas bastaria o que o poeta de *Estrela da Vida Inteira* colocara nessa antologia para ganhar-lhe o merecido renome de grande sonetista.

O livro com esse belo título de sabor proustiano demoraria ainda cerca de seis anos para sair: impresso em dezembro de 1970, foi lançado no ano seguinte. Recebeu imediata consagração, como a do Prêmio do PEN-Clube do Brasil. Todas as peças que o integram são antológicas. A segunda concentra, na sua fôrma clássica –o que, de resto, é característico da poesia waldemariana–, uma sintaxe poética original, em que palpita, condensado mas vívido, um mágico sentimento da beleza das coisas; sentimento que é, transposto em forma verbal, um modo superior dessa beleza mesma, se me permitem esta livre aplicação, aqui, do camonianoplático “transforma-se o amador na coisa amada”:

SONETO DAS NUVENS E DA BRISA

*Os pássaros nostálgicos... Errantes
mágicos do crepúsculo, soprando
das longas asas trêmulas o brando
vento da tarde; e logo, em céus cambiantes,*

*alvos blocos de pluma vão distantes
e efêmeras imagens modelando:
sereias e hipocampos, entre o bando
de carneiros, e rosas, e elefantes,*

*cães e estrelas, dragões, ou aguçadas
torres, na superfície roseoviva
por onde voga, acesa, a caravela*

*e as longas asas captam, retesadas,
a poesia da tarde, fugitiva,
mas eterna no instante em que foi bela.*

A relativa *bissexitude* do poeta se dissolveria na preamar de livros e opúsculos que viria a seguir: *Inventário do Tempo* e *Os Pássaros da Noite* (ambos de 1974); de 1976 a 1979, um por ano, *Sonetos da Despedida*, *Sonetos do Natal*, *Elegia para Joaquim Cardoso* e *O Jogo Inocente*; o citado *Memória do Tempo*, de 1981, mais os *Sonetos de Portugal* (1984, 2.^a ed. em 1994 e 3.^a em 1995), *As Dádivas do Crepúsculo* e *A Flor Medieval* (1996), *Sombras da Tarde* (1999) e *Cinza de Estrelas* (2003). Não posso deixar de mencionar a miniantologia, singelamente intitu-

lada *Sonetos*, que preparei, em 2006, para a coleção *O Livro na Rua*, da Thesaurus (n.º 27 da série *Escritores Brasileiros Contemporâneos*).

Os Pássaros da Noite, que se apresenta com o selo do Clube de Poesia de Brasília, levantou o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal. Vinte composições enfeixa, todas de extraordinária beleza, escrínio de que se destaca esta jóia de acabamento e brilho incomparável, que de imediato conquista o *amador de poemas* para o círculo de seus admiradores, este maravilhoso:

SONETO DOS SÍMBOLOS EFÊMEROS

*Os símbolos efêmeros: memento
da vida breve: música secreta
– do tempo, a se esvair na asa do vento,
– do sonho, a esmaecer a chama inquieta.*

*Cresça no céu de pedra o véu nevoento;
junto à nuvens se perca a doida seta
rumo ao não e ao talvez: o sentimento
atreia-se a uma estrela, e essa incompleta*

*visão apaziguante é misteriosa
luz transcendência: rútila persiste,
seiva do ser, essência poderosa,*

*pois se foi dito o quanto a carne é triste,
arde em perfume o espírito da rosa
e é mais belo o que só no sonho existe.*

Sobre os *Sonetos de Portugal*, repito o que disse a propósito na ocasião do lançamento – que nesses versos não pretendeu o poeta mais altos vôos. Diz ele mesmo, em nota prévia, que, “do ponto de vista formal,

sua linguagem é demasiado espontânea, sem maiores preocupações de ordem técnica”. Naturalmente, não são de aceitar essas e outras restrições que faz ao novo livro o próprio autor. A circunstancialidade que presidiu

à elaboração dos seus trinta e oito sonetos, "registros de uma romaria sentimental à altura dos setenta anos", é amplamente transcendida pela pureza do sentimento e da linguagem, pela técnica que se resolve em simplicidade, pela autenticidade, enfim. Retratam eles paisagens de Portugal (e não se apaga de nossos olhos a imagem do "Minho, cão azul deitado", nem se esquecem essas "asas de um moinho ao pé da encosta, / as doiradas pirâmides de feno, / os mansos bois com flores nas cabeças"); cantam a gloriosa epopéia nascida da "essência de ideal na alma do Infante", o "homem que fez maior o sonho do Homem"; homenageiam os autores queridos – "Eça, Nobre, Camões, Régio, Pessoa, / e o doce Antero, que era poeta e santo", e Cesário Verde, e Guerra Junqueiro, e Camilo, e Ferreira de Castro–; exaltam a língua portuguesa, a "fala heróica de Camões"; e, além e acima, sublinham o mais profundo, o mais belo destino da gente portuguesa, que:

*é doar a semente do humanismo
aos desafios do devir do mundo.*

Muitos escritores de alta linhagem manifestaram-se acerca dessa poesia. Lembremos dois deles. Aurélio Buarque de Holanda, seu companheiro entre os bissextos de Bandeira, prefaciando os *Sonetos do Tempo Perdido*, tece penetrantes considerações em torno desse "disfarçado romântico", em cuja obra diz que "podemos ver, sem esforço, uma técnica, uma estrutura pouco distante das mais puras fontes simbolísticas"; comenta elegantemente "l'enfance retrouvée", da epígrafe baudelairiana, e sua *recaptura* no verso de Waldemar, não sem frisar, heracliticamente, que tal se dá com vestes e feições que não as de outrora, mas por meio de um transfazimento em símbolos, numa reconquista alegórica; e –recordo ainda, sem querer exaurir a seqüência de singulares e lúcidos tópicos de sua análise– disserta magistralmente sobre o notável emprego que dá ao *enjambement* e sobre a freqüência e a fun-

ção das expressões interparentéticas (períodos, versos inteiros, às vezes corporificando a maior parte do soneto). E Gilberto Mendonça Teles, apresentando *Memória do Tempo*, esmiúça, com a competência habitual, iluminada por uma sensibilidade de poeta, ele também, de notórios méritos, aspectos, técnicas, alumbramentos de um mago capaz de mergulhar o leitor no "encantamento de uma sonata verbalmente construída em forma de soneto".

A poesia de Waldemar Lopes impõe-se e encanta pela rigorosa linguagem, não infensa contudo à invenção vocabular – "carne de lua / transluminosamente azuluzindo" – e perpassada de um frêmito constante – "aura da aurora" – que vem do abismo-infância e se projeta no "imprevisto itinerário" do abismo-amanhã. São seus temas (colhidos à *vol d'oiseau* sobre as superiores realizações de *Sonetos do Tempo Perdido* e *Os Pássaros da Noite*, que o situam entre os grandes sonetistas da língua): o tempo, onipresente ("tudo é memória: o só vivido / ou o apenas sonhado"), "a flor da infância", a "noite metafísica" projetando "uma sombra na sombra de outra sombra", a vida, "o rude esforço sem sentido" ("viver não acrescenta: diminui"), o amor, cujo "êxtase pungente antes nos lembra a morte do que a vida", mas sobretudo o efêmero-eterno da beleza – "a poesia da tarde, fugitiva, / mas eterna no instante em que foi bela" – e o sonho, "as coisas mais sonhadas que vividas".

Clássica na forma, com sugestões simbolistas e uma força de pensamento que a aproxima de um Antero e de um Leoni, essa poesia de suave pessimismo nos convida a descobrir "a transitória / dádiva do mistério: ínfimo instante = / sopro de eternidade no ar perplexo".

Também no território da prosa passeia à vontade o grande mestre do soneto. No opúsculo Amando Fontes: a Linha da Vida, o Perfil da Obra (Recife, 1995), a propósito do autor de *Os Corumbas*, e aplicando em seu enfoque uma postura antípoda à dos

“tecnocratas da crítica”, relembra com justeza o fino ensaísta José Augusto Guerra, que, “em sua pertinaz defesa da crítica impressionista”, sobrepunha “o imponderável da expressão estética” às “rígidas leis das ciências exatas”.

Em trabalho sobre Bandeira: Estrela Permanente no Céu de Pasárgada (Recife, 1996), o raro sonetista exhibe as duas faces de seu talento literário. São dois excelentes ensaios – “Manuel Bandeira: Poesia sem Mistério” e “Presença de Teresópolis na Vida e na Obra de Manuel Bandeira” (ao fim deste se reproduz o soneto inédito “Luar de Maio”, escrito na cidade fluminense, em 1906, pelo poeta de “Evocação do Recife”); e, fechando o volume, alguns poemas do ensaísta em louvor de Bandeira e de Teresópolis.

Pouco antes de morrer, entregou ao prelo, prontos e revistos, os três volumes de sua Prosa Variada de Ontem e de Hoje, contendo “breves crônicas sobre fatos e idéias, textos à margem da História, notas sobre livros e autores, discursos acadêmicos e não-acadêmicos, memórias”: o primeiro, intitulado *O Preço da Liberdade*; o segundo, *Laudas de Louvação*; e o terceiro, *Veredas do Tempo*.

Coube-me a honra de redigir as orelhas do inicial, onde registro que o grande poeta é também muito bom de prosa, e nos dois sentidos da expressão: conversador de irradiante simpatia, marcaram época as fidalgas recepções que oferecia em sua residência no Lago Sul, em Brasília, com a esposa, sua querida Iracy; prosador de mérito, como tal reconhecível pelo menos desde *Austro-Costa, Poeta da Província*, de 1970, oferecemos, com os três tomos dessa “prosa variada”, a inteira extensão de seu valor. Com tranqüilo domínio da língua e do estilo, discorre sobre assuntos que, se não o forem por natureza, se tornam palpitantes mercê de sua pena. E o espectro que abarca é amplo e diferenciado: desde literatura, naturalmente, até história e, sobretudo, interpretação histórica; de economia e política a

perfis psicológicos como o de Tancredo Neves; desde o comentário erudito sobre citações literárias até o elogio à idéia geradora de Goiânia, em ensaio de 1951, que preconiza e defende a interiorização da capital do País.

Merecem destaque a competência e a sensibilidade com que fala de poetas e de poesia, da essência desta, da validade ou demagogia do engajamento poético, da intransitividade de certa poesia contemporânea. São objeto de suas reflexões escritores de todas as regiões do Brasil e de países tão distanciados quanto o Chile e a Bulgária, a Alemanha e o México, a Nicarágua e a Espanha.

Mesmo quando escreve sobre assuntos técnicos, ligados a suas vivências profissionais, nunca se deixa tomar pelo frio tecnicismo; ao contrário, seu estilo é sempre irrigado de simpatia e calor humano. O que se disse de Ferreira de Castro, que foi grande “pela arte e pelo coração” (“que só assim se pode ser grande”, completa o nosso autor), tem perfeita aplicação a Waldemar Lopes.

Waldemar era homem de grande afabilidade e simpatia. Alto, esguio, muito claro, tendendo ao rubicundo, era uma figura verdadeiramente apolínea, coroada por uma cabeleira de prata. A impressão de distância que essa figura poderia causar se desfazia de pronto ao influxo de uma fala mansa, de voz um tanto embargada, e ao poder de envolvimento de sua personalidade, de que emanava – como que temperando o apolíneo – uma leve brisa de melancolia (Antonio Carlos Villaça, nas abas de *Memória do Tempo*, diz que ele tinha “a suprema coragem de ser só, sendo gregário” e que ele era “um ser melancólico”). Na verdade, era um homem agregador, desses que se fazem cercar de pessoas e derramam em torno de si as ondas lustrais da amizade, os eflúvios mais refinados e mais almos da inteligência e do espírito. E um homem de ação. Jornalista, funcionário de proa do IBGE – Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística, diretor da *Revista Brasileira de Estatística* e da *Revista Brasileira dos Municípios*, diretor-secretário da *Síntese Política, Econômica e Social*, da Universidade Católica do Rio de Janeiro, serviu, de 1954 a 1976, à OEA – Organização dos Estados Americanos, tendo sido diretor de seu escritório no Brasil e representante de sua secretaria-geral junto ao Governo. Em Brasília, como dito, foi um dos fundadores do Clube de Poesia, que presidiu em seu período de ouro; com Domingos Carvalho da Silva, entre outros, foi um dos luminares da *Revista de Poesia e Crítica*; vice-presidente da ANE – Associação Nacional de Escritores e secretário-geral da Academia Brasiliense de Letras. Saindo de Brasília em 1976, transferiu-se, com sua aura de sereno agitador cultural, para a cidade de Teresópolis, onde fundou e dirigiu os *Cadernos da Serra*, presidiu

a Academia Teresopolitana de Letras e o Conselho Municipal de Cultura.

De volta a seu Pernambuco natal, em Olinda primeiro, depois no Recife, exerceu até o fim o seu papel oracular, de irradiador de cultura.

Waldemar Freire Lopes, nascido em 1.º de fevereiro de 1911, é natural de Peri-Peri, então pertencente ao município de Quipapá e hoje ao de São Benedito do Sul, em Pernambuco. Faleceu no Recife, em 21 de outubro de 2006, aos 95 anos de idade. Entrevado, com problemas sérios de locomoção, desde alguns anos, manteve-se entretanto lúcido e ativo até o fim. Humanista de escol, fino cultor da poesia e da amizade, deixou luminosa e indelével impressão em tudo que tocou, no coração dos que o conheceram e de quantos têm tido a fortuna de ser tocados pelo seu verso de pensativa beleza.